



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

MARIA EDUARDA AVELINO DE LIMA

**ENTRE A DEVOÇÃO E O HEDONISMO: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE
BELEZA EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”, DE OSCAR WILDE**

CAMPINA GRANDE, PB

2024

MARIA EDUARDA AVELINO DE LIMA

**ENTRE A DEVOÇÃO E O HEDONISMO: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE
BELEZA EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”, DE OSCAR WILDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes e à Coordenação do Curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras-Inglês.

Área de Concentração: Literatura

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

CAMPINA GRANDE, PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732e Lima, Maria Eduarda Avelino de.
Entre a devoção e o hedonismo [manuscrito] : diferentes perspectivas de beleza em "O retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde / Maria Eduarda Avelino de Lima. - 2024.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Literatura. 2. Beleza. 3. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA EDUARDA AVELINO DE LIMA

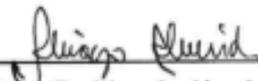
ENTRE A DEVOÇÃO E O HEDONISMO: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE
BELEZA EM "O RETRATO DE DORIAN GRAY", DE OSCAR WILDE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Faculdade de Linguística, Letras
e Artes e à Coordenação do Curso de
Letras-Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras-Inglês.

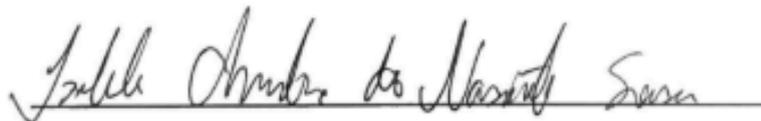
Área de Concentração: Literatura

Aprovada em: 20/06/2021
Média: 9,5

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Aurielle Gomes dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos que me serviram de suporte e exemplo
nesta jornada, DEDICO.

“A Beleza é o símbolo dos símbolos. A beleza tudo revela, porque nada exprime. Quando ela nos mostra, revela-nos todo o ardor do Universo” (Wilde).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Davi de Michelangelo	10
Figura 2 - Busto de Antínoo	15
Figura 3 - A morte de Dorian Gray	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 AS RELAÇÕES ENTRE BELEZA E MORAL NA ARTE.....	9
2.1 O impacto da beleza e a estética na arte ao longo da história.....	9
2.3 E Era Vitoriana, as percepções de beleza e Oscar Wilde.....	11
3 AS PERSPECTIVAS DE BELEZA SOB OS OLHOS DE LORD HENRY E BASIL HALLWARD.....	13
3.1 A devoção de Basil Hallward.....	14
3.2 O hedonismo de Henry Wotton.....	17
3.3 As influências vivenciadas por Dorian Gray e seu destino final.....	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

ENTRE A DEVOÇÃO E O HEDONISMO: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE BELEZA EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”, DE OSCAR WILDE

Maria Eduarda Avelino de Lima¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar as perspectivas do que seria a beleza e qual o seu propósito em *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, com os objetivos específicos de realizar uma análise interpretativa das interações entre os personagens Basil Hallward, Henry Wotton e Dorian Gray; e discorrer sobre a evolução do protagonista Dorian Gray e as consequências de sua busca pela manutenção de sua estética. A primeira parte do trabalho apresenta uma perspectiva histórica da influência das diferentes visões de beleza nas expressões artísticas, com ênfase na literatura do período vitoriano. A pesquisa se fundamenta em textos de Umberto Eco (2004) e Burgess (1999) para contextualizar essas influências. A segunda parte foca na análise *O Retrato de Dorian Gray*, analisando as perspectivas de beleza apresentadas pelos personagens Basil Hallward e Henry Wotton. Esta análise examina como essas perspectivas moldam as ações do protagonista Dorian Gray e influenciam sua trágica trajetória. A análise da obra mostra que a perspectiva de beleza apresentada por Basil Hallward se apresenta como algo romântico e devocional, enquanto o personagem Henry Wotton, com sua perspectiva hedonista de vida, enxerga na beleza uma ferramenta para aproveitar a vida baseada no prazer e aproveitando novas sensações. Estas influências acabam culminando no desenvolvimento de um Dorian Gray narcisista, que recorre à negociação inconsciente de sua própria alma para manter sua estética intacta.

Palavras-Chave: Literatura; Beleza; Análise literária.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the perspectives on beauty and its purpose in Oscar Wilde's *The Picture of Dorian Gray*. To achieve this, two specific objectives are set: to perform an interpretative analysis of the interactions between the characters Basil Hallward, Henry Wotton, and Dorian Gray; and to discuss the evolution of the protagonist Dorian Gray and the consequences of his pursuit of aesthetic preservation. The study is divided into two parts. The first part provides a historical perspective on the influence of different views of beauty in artistic expressions, with an emphasis on Victorian literature. This research is based on texts by Umberto Eco (2004) and Burgess (1999) to contextualize these influences. The second part focuses on the book *The Picture of Dorian Gray*, analyzing the perspectives of beauty presented by the characters Basil Hallward and Henry Wotton. This analysis examines how these perspectives shape the actions of the protagonist Dorian Gray and influence his tragic trajectory. The analysis of the work shows that the perspective of beauty presented by Basil Hallward is romantic and devotional, while the character Henry Wotton, with his hedonistic outlook on life, sees beauty as a tool to enjoy life based on pleasure and new sensations. These influences ultimately lead to the development of a narcissistic Dorian Gray, who unconsciously negotiates his own soul to maintain his aesthetic intact.

Keywords: Literature; Beauty; Literary analysis.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras - Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba - PB; maria.eduarda.avelino@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O Belo é um tema recorrente nas manifestações artísticas ao longo da história. Sendo as perspectivas do que é belo algo efêmero e multifacetado, desde os tempos antigos, existe a tentativa de capturar e manter registrado o que se é entendido como beleza. No campo da literatura, algumas obras capturam a beleza e enfatizam a questão estética, abordando com ela dilemas humanos, como a ética e a moralidade. Entre essas obras, temos *O Retrato de Dorian Gray*, escrita por Oscar Wilde. Nesta obra, temos como cerne a dualidade da beleza, delineada pelas perspectivas antagônicas de dois personagens: o pintor Basil Hallward e o sedutor Lord Henry Wotton.

Sob a perspectiva do perspicaz Basil Hallward, a beleza é manifestada como algo divino, uma expressão da perfeição artística. O pintor tem uma devoção pelo Belo que transcende a superfície. Esta devoção pela estética o leva a registrar em um retrato o personagem Dorian Gray, na tentativa de capturar a essência de sua beleza e eternizar sua juventude e beleza. Contrastando com a perspectiva de Basil Hallward, que reverencia a beleza, temos Lord Henry, que com sua filosofia hedonista, enxerga a beleza como uma arma poderosa, uma ferramenta de manipulação. Esta filosofia, impregnada de um ceticismo moral, leva Lord Henry a instigar Dorian Gray a explorar os limites proporcionados por sua bela aparência. Esta influência torna-se um impulsionador para as escolhas controversas feitas pelo personagem Dorian ao longo da trama, que segue em busca pela satisfação de seus prazeres.

O entrelaçado formado entre as visões antagônicas destes dois personagens converge no retrato criado por Basil Hallward, tornando-se um símbolo das tensões subjacentes à sociedade vitoriana. Enquanto Hallward tenta imortalizar a beleza em sua forma mais pura, Henry instiga Dorian a abraçar a decadência e a imoralidade como uma maneira de se libertar. Este embate ideológico manifesta-se de maneira notória na psique e nas atitudes do personagem principal, onde podemos observar sua transformação gradual e enxergar o reflexo do embate que o cerca.

Ao abordar as diversas perspectivas acerca da beleza sob os olhares de Hallward e Henry, podemos refletir não apenas sobre as escolhas feitas por Dorian Gray, como também sobre a natureza da estética e a influência nas ações humanas. O retrato passa a ser não só uma representação visual, mas um espelho da complexidade humana, refletindo a beleza exterior e também as sombras que cercam o íntimo. A presente pesquisa se trata de uma análise interpretativa sobre a influência das diferentes percepções de beleza, representado pelas perspectivas contrastantes dos personagens Lord Henry Wotton e Basil Hallward, na obra *O Retrato de Dorian Gray*.

A escolha do tema é justificada pela riqueza simbólica presente no romance, no qual a busca pela perfeição estética é um elemento fundamental para o desenvolvimento da obra, e também por uma curiosidade pessoal em analisar mais a fundo as relações entre estes personagens. Esta análise discutirá o contraste na relação de Basil Hallward e Henry Wotton com o personagem Dorian Gray a partir de suas perspectivas acerca da beleza do personagem, e como estas perspectivas influenciam as ações tomadas pelo personagem principal. Desenvolvendo as camadas que envolvem o conceito de beleza, esta pesquisa contribuirá para o entendimento da relação entre estética, moral e autenticidade na obra de Oscar Wilde.

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar as perspectivas da definição de beleza e qual o seu significado em *O Retrato de Dorian Gray*, tendo como objetivos específicos realizar uma análise interpretativa das interações entre os personagens Basil Hallward, Henry Wotton e Dorian Gray; e discorrer sobre a evolução do protagonista Dorian Gray e as consequências de sua busca pela manutenção de sua estética.

O trabalho será dividido em duas partes. A primeira visa apresentar uma perspectiva histórica da influência das diferentes visões de beleza nas expressões artísticas, dando ênfase à literatura no período vitoriano. Para tal, baseamos a pesquisa em textos de Umberto Eco (2004) e Burgess (1999). A segunda parte apresenta *O Retrato de Dorian Gray*, que será analisada relacionando as perspectivas de beleza apresentadas pelos personagens Basil Hallward e Henry Wotton e como estas perspectivas influenciam as ações do personagem principal. A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa de objetivos descritivos/analíticos, onde o *corpus* da pesquisa foram excertos da obra *O Retrato de Dorian Gray*.

2 AS RELAÇÕES ENTRE BELEZA E MORAL NA ARTE

O desenvolvimento da arte ao longo das eras é como um complexo bordado que liga diferentes épocas, movimentos e culturas, refletindo a interação entre estética, moral e sociedade. A arte não é apenas um documento que registra o desenvolvimento da cultura, mas também uma poderosa ferramenta que permite explorar as nuances da beleza contornados pela moralidade. A influência destes dois aspectos na percepção da arte é particularmente forte ao decorrer dos séculos, moldada por valores, filosofias e movimentos artísticos. Este trabalho visa abordar as diferentes concepções de beleza, dando enfoque ao período vitoriano, marcado por tensões entre padrões éticos e morais e os desafios estéticos de artistas como Oscar Wilde, assim como analisar as concepções de beleza presentes em seu romance *O Retrato de Dorian Gray*, e como estas concepções de beleza constroem a dinâmica entre seus personagens.

2.1 O impacto da beleza e a estética na arte ao longo da história

A relação entre beleza e estética é inerente e multifacetada, perdurando séculos e refletindo mudanças sociais, culturais e filosóficas ao longo da história. Dentre os gêneros de manifestações artísticas, podemos notar a tentativa de captar a expressão estética e a beleza. Desde os primeiros registros artísticos da sociedade, pode-se notar a beleza como algo a ser valorizado e retratado. Segundo Eco (2004), belo é um adjetivo que frequentemente usamos para indicar algo que nos agrada.

O conceito de Beleza é passível de alterações, ou seja, nem tudo o que é considerado belo atualmente é igual ao que se era a séculos atrás. O que é visto como beleza é relativo a depender da época retratada, ou seja, o conceito do que é belo “é dinâmico ao longo do tempo, assim como as concepções teóricas e filosóficas que os permeiam” (Souza; Lopes; Souza, 2018, p. 87). Apesar destas alterações no padrão de beleza, a prática de adoração e o culto às formas de beleza é algo enraizado na sociedade.

Desde os tempos antigos, comunidades atribuem significados simbólicos à beleza física. Na Grécia antiga, a filosofia estética debatia a relação da natureza da beleza e sua relação com a arte. Os princípios de beleza eram associados a outras qualidades. De acordo com Eco (2004),

não por acaso que a Beleza se encontra quase sempre associada a outras qualidades. Por exemplo, à pergunta sobre o critério de avaliação da Beleza, o oráculo de Delfos responde: “O mais justo é o mais belo”. Mesmo no período áureo da arte grega, a Beleza é associada a outros valores como a “medida” e a “conveniência” (Eco, 2004, p. 37).

Dentre os pensadores gregos, como Platão, a beleza poderia ser definida através de três percepções: a beleza estética, a beleza moral e a beleza espiritual. Apesar da percepção do belo acontecer pelo exterior através das formas corporais bem estruturadas. Para Platão (1965), a beleza era algo autônomo, distinto da forma física. Para ele, a beleza tinha relação com a inteligência. Em contraposição a esse pensamento temos a ideia de Aristóteles, que considerava a beleza ao equilíbrio, relacionada à harmonia e a ordem, explorando a catarse proporcionada pela experiência estética (Araújo; Araújo; Araújo, 2018).

No Egito Antigo, a arte era mais do que uma mera expressão estética; foi a manifestação interna da visão de mundo e da espiritualidade da civilização. A arte egípcia era cheia de simbolismo e significado, muitas vezes uma ponte entre o mundo terreno e o divino. Os egípcios acreditavam que a beleza era uma manifestação da ordem divina e como tal as suas representações artísticas refletiam uma procura de harmonia e equilíbrio na forma, cor e composição. De acordo com Chauhan (2022), os egípcios são referências na atualidade com um padrão de beleza que aborda e preza pela simetria, proporção e harmonia entre as características físicas. Essa representação da beleza pode ser notada em pinturas e esculturas, encontradas, por exemplo, nas paredes de tumbas de reis egípcios.

Durante o período do Renascimento, movimento intelectual e cultural ocorrido durante os séculos XIV e XVI na Itália, a arte foi impulsionada pela redescoberta das ideias clássicas gregas e romanas, resultando em obras que buscavam a perfeição estética. Artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo viam as suas obras como uma expressão de harmonia universal, nas quais a beleza se entrelaçava com a compreensão da ordem divina.

Figura 1 - Davi de Michelangelo



Fonte: arte | ref (2023)

Segundo Eco (2004), as obras renascentistas atingem um grau elevado de perfeição, e para que a arte fosse considerada bela, deveria respeitar as regras de proporção das partes. Durante o período do Renascimento, surgiram o estilo de arte romântico e o gótico, e logo esses estilos começaram a se difundir por todo o continente europeu, influenciando as mais diversas manifestações artísticas, dentre elas, a literatura.

A beleza desempenha papéis diversos na produção artística conforme as transformações sociais e históricas de cada período. Em diferentes épocas, seu conceito e valorização variam significativamente, refletindo não apenas padrões estéticos, mas também ideais culturais e filosóficos dominantes. Desde a antiguidade até os movimentos artísticos contemporâneos, a interpretação da beleza tem evoluído, influenciada por mudanças na percepção da natureza humana, na tecnologia disponível e nas experiências coletivas de cada sociedade.

2.3 E Era Vitoriana, as percepções de beleza e Oscar Wilde

A Era Vitoriana corresponde ao período dos 64 anos do reinado da Rainha Vitória I da Inglaterra, entre 1837 a 1901. O autor afirma que neste momento da história, a Inglaterra foi marcada por desenvolvimentos econômicos e industriais, renovando o prestígio da coroa britânica. Durante este período, o Reino Unido passou por um processo acelerado de industrialização. A expansão da produção industrial e o crescimento nas ferrovias levou a um êxodo rural, e a um processo intenso de urbanização, movido pela crescente busca por emprego.

Apesar de todo o desenvolvimento ocorrido no período vitoriano, a Inglaterra tinha valores sociais e morais restritos.. Segundo Eco (2004, p. 362) a Era Vitoriana era “um mundo regido por uma simplificação da vida e da experiência em sentido francamente prático: as coisas são certas ou erradas, belas ou feias, sem inúteis complacências para com o equívoco, os caracteres mistos, as ambigüidades [sic]”.

A sociedade daquela época tinha enraizado em seus costumes diversas normas morais rígidas e concepções que moldavam as interações e o comportamento, repudiando o que poderia ser considerado como desviante. De acordo com Burgess (1999, p. 215), a Era Vitoriana foi “uma época curiosamente puritana: chocava facilmente, e assuntos como o sexo era tabu”. O tradicionalismo era importante para a sociedade inglesa. A moralidade desempenhava um papel significativo na vida das pessoas na Era Vitoriana, onde podia ser visto valores conservadores e uma ênfase na família e na virtude. Ainda de acordo com Burgess, o período vitoriano

foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa. [...] A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família eram devidos em grande parte ao exemplo da própria Rainha Vitória, e em sua influência indireta sobre a literatura, assim como sobre a vida social, foi considerável (Burgess, 1999, p. 215).

O impacto dos valores morais na sociedade vitoriana pode ser visto para além das relações de comportamento entre pessoas, sendo observado nas expressões artísticas produzidas na época. O estilo de arte gótico expandia-se pela Europa, influenciando a literatura vitoriana. Burgess (1999) comenta que Ruskin, crítico de arte britânico influente na Era Vitoriana, possuía uma preocupação com a beleza. Para ele, a arte gótica era manifestada pela fé religiosa, e “existia uma conexão

íntima entre arte e fé - a perseguição da beleza se torna quase um dever religioso” (Burgess, 1999, p. 216).

Na literatura vitoriana, a representação do belo era intrinsecamente entrelaçada com a complexidade social e cultural da época. Os escritores retratavam em suas obras personagens luxuosos, utilizando a beleza como ferramenta de exploração das relações sociais e estruturas hierárquicas. Descrições minuciosamente calculadas eram frequentemente empregadas para criar na mente do leitor um pano de fundo visual que representasse as expectativas da sociedade vitoriana. Segundo Burgess (1999, p. 218), os romances vitorianos continham “uma grande parte das ideias conservadoras da época”, como a moralidade, a virtude e o conservadorismo social.

Esta interconexão entre beleza e moralidade abre caminho para que autores explorem temas éticos e questionem as normas sociais predominantes, como o escritor Oscar Wilde. Estes questionamentos criaram margem para uma crescente conscientização sobre as contradições entre o exterior apresentado como belo e agradável e a realidade interior, muitas vezes sombria e multifacetada, que se esconde por trás da máscara da beleza.

Durante o século XIX, surgiu um movimento intitulado *Art for Art's sake*², como uma reação contra a utilidade moral e social atribuída à arte. O conceito foi adotado por escritores britânicos, franceses e americanos, rejeitando a tendência da época de valorizar a arte apenas por seus efeitos em diversas atividades humanas (Hannay, 1954, p. 44, tradução nossa)³. Este movimento e seus adeptos defendem a ideia de que a arte deve ser apreciada por sua beleza e pela qualidade estética, sem a necessidade de servir a fins políticos, didáticos ou éticos.

Escritores como Oscar Wilde eram defensores desta linha de pensamento, argumentando que a beleza em si mesma era o suficiente para justificar a existência da arte. No prefácio do livro *O Retrato de Dorian Gray*, Wilde afirmou que “Toda arte é demasiado inútil” (Wilde, 2001, p. 05), destacando que a arte não precisa de justificativa além de sua própria existência e beleza. Wilde explorava na beleza uma forma de resistência contra as convenções utilitárias e moralistas da sociedade vitoriana.

O Puritanismo influenciou a literatura, a arte e a educação durante a Era Vitoriana. Muitos escritores e artistas vitorianos exploraram temas relacionados à moralidade, redenção e castigo em suas obras, refletindo os valores puritanos da época. No entanto, esse puritanismo também foi objeto de crítica e questionamento por parte de alguns intelectuais e reformadores sociais, que buscavam uma maior liberalização dos costumes e da moralidade pública. Muitas dessas obras foram escritas de maneira velada.

A Inglaterra, na virada do século XIX para o século XX, ficou marcada como o único país da Europa Ocidental a criminalizar atos homossexuais com penas brutais (Adut, 2005, tradução nossa)⁴. O puritanismo vitoriano buscava promover uma vida centrada na família e a religião possuía uma influência forte na sociedade, condenando atos que eram considerados imorais pela Igreja, incluindo a homossexualidade.

² Versão adaptada do slogan francês “l’art pour l’art”, que significa “Arte pela Arte”.

³ No original: *Nevertheless this movement started as a legitimate reaction against a tendency to value art only for its effect on other kinds of human activities.*

⁴ No original: *The Victorians held homosexuality in horror, and Britain stood out at the turn of the 20th century as the only country in Western Europe that criminalized all male homosexual acts with draconian penalties.*

Oscar Wilde foi uma das figuras famosas da época a ser julgado por imoralidade. O autor pode ser considerado uma vítima icônica do puritanismo inglês (Fisher, 1995, p. 136, apud Adut, 2005, p. 213, tradução nossa)⁵. Abordando drama, críticas sociais, comédia, dualismo e a decadência humana em suas obras, o autor pôs muito de sua vida em sua escrita, refletindo sua própria experiência. Em uma sociedade onde a homossexualidade era vista como um tabu, Oscar Wilde viveu um romance com Alfred Douglas. Foi denunciado às autoridades pelo marquês de Queensberry, pai de seu amante, por “conduta indecente”, o que culminou em sua prisão.

Sendo a homossexualidade um horror aos olhos da sociedade vitoriana, o autor foi julgado pelas leis contra a homossexualidade na Inglaterra durante os anos de 1895 e, apesar da falta de provas circunstanciais contra ele, foi condenado em um segundo julgamento a dois anos de prisão e trabalho forçado, o que deteriorou rapidamente sua saúde, acarretando em sua morte em 1900, em Paris, França, três anos após sua saída da prisão.

A Era Vitoriana foi uma época de grandes mudanças na cultura, na sociedade e nas ideias sobre beleza. Durante esse período, a beleza era vista como algo que refletia moralidade, modéstia e virtude. Nesse cenário, Oscar Wilde surgiu como uma figura marcante que desafiava essas convenções. Ele promovia uma visão mais prazerosa e individualista da beleza. Através de suas obras e de sua vida pessoal, Wilde criticava a hipocrisia da sociedade vitoriana, destacando as tensões entre a aparência e a essência, o superficial e o profundo. Sua abordagem estética, que valorizava a arte pela arte, ajudou a repensar as normas de beleza e comportamento

3 AS PERSPECTIVAS DE BELEZA SOB OS OLHOS DE LORD HENRY E BASIL HALLWARD

O *Retrato de Dorian Gray* é um romance escrito pelo autor Oscar Wilde. Foi publicado inicialmente no final do século XIX, e é considerado um clássico da literatura gótica. No livro, o personagem principal, Dorian Gray, é retratado em uma pintura por um amigo, o artista Basil Hallward, que se mostra apaixonado pela estética de Dorian. O personagem então se vê frente a frente com uma visão de mundo hedonista, apresentada por Henry Wotton, um lorde que, durante seus encontros com Dorian, afirma que a Beleza é a única coisa que importa na vida. Dorian Gray logo percebe que sua beleza irá se esvaír e ele, por este motivo, expressa seu desejo e intenção inconsciente de vender sua alma para que sua imagem retratada na pintura se deteriore em seu lugar.

A Inglaterra Vitoriana é o contexto onde se desenrola a narrativa, e os aspectos da trama são intrinsecamente afetados pelos costumes da época, desde a estética dândi⁶, onde indivíduos despendiam tempo em suas vestimentas e aparência, até a rigidez dos padrões sociais, como apontado por Anganuzzi (2023).

A beleza de Dorian está intimamente ligada à sua juventude, reflete o ideal da estética helênica. O personagem é descrito como um jovem de beleza extraordinária (Wilde, 2021), e sua aparência transmite uma sensação de inocência e pureza, sem marcas do tempo ou das tensões físicas que acompanham uma vida mais experiente (Anganuzzi, 2023).

⁵ No original: *Oscar Wilde is commonly considered to be the iconic victim of Victorian puritanism.*

⁶ Homem que se veste de maneira elegante e requintada, que possui bom gosto e senso estético.

Ao longo da obra, podemos ver diferentes personagens expressando suas admirações acerca da beleza do personagem Dorian Gray, e essa admiração acaba possuindo uma influência notável em sua personalidade e ações durante o livro, como veremos ao decorrer das próximas seções. Debruçarmo-nos sobre dois personagens principais que expressam essa admiração: Lord Henry Wotton e o artista Basil Hallward que, de maneira sensível, retrata o jovem Dorian Gray através de uma pintura. Esta idealização estética acerca da beleza de Dorian Gray está presente nas interações de Basil e Henry, porém, ambos os personagens expressam perspectivas distintas acerca da estética do personagem.

3.1 A devoção de Basil Hallward

No começo do romance, podemos verificar um diálogo entre os personagens Henry Wotton e Basil Hallward acerca da pintura produzida por Basil, retratando Dorian Gray, seu anfitrião e inspiração. Henry afirma que “é o seu melhor trabalho, Basil, a sua melhor criação” (Wilde, 2021, p. 28). Então, discorre-se o porquê de Basil Hallward não desejar expor o quadro, e o próprio afirma que não o irá expô-lo pois colocou de si no retrato (Wilde, 2021) e “temo que tenha revelado nele o segredo de minha própria alma” (Wilde, 2021, p. 31).

O pintor vê na beleza uma manifestação da alma, enraizada na pureza e na inocência, e acredita que sua função como artista é capturar esta beleza em suas pinturas, valorizando a beleza como expressão da essência interior de uma pessoa. Esta visão o leva a ficar obcecado e fascinado por Dorian Gray, o qual ele vê como uma fonte infinita de inspiração.

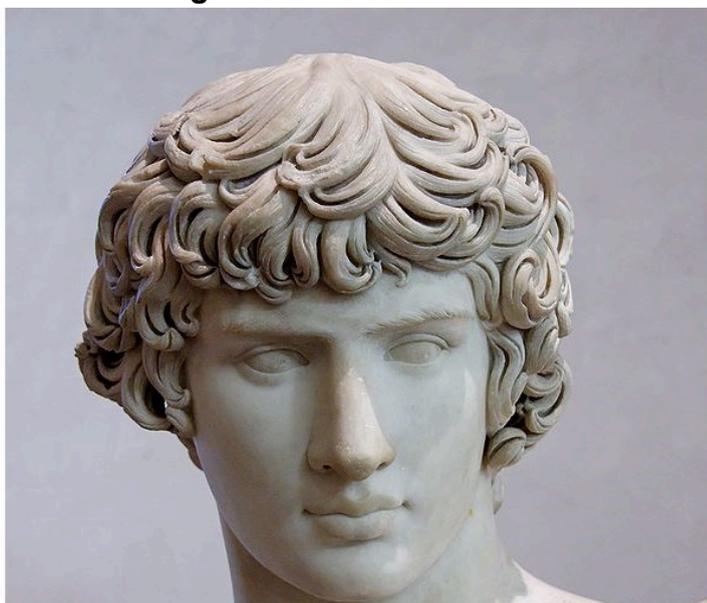
Ele é toda a minha arte agora - disse o pintor com seriedade. - Às vezes, penso que há somente duas épocas que importam na história do mundo, Harry. A primeira é o surgimento de um novo meio da arte, a segunda é o surgimento de uma nova personalidade para a arte. **O que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos e o rosto de Antínoo foi para a escultura grega do classicismo tardio, o rosto de Dorian Gray será um dia para mim.** Não apenas pinto, desenho, ou esboço a partir dele. Sim, fiz tudo isso, é claro. Ele posou como Páris em elegante armadura e como Adônis com manto de caçador e lança luzidia. (...) Porém, ele representa muito mais do que isso para mim. (Wilde, 2021, p. 35, grifo nosso).

A maneira como Basil descreve o personagem indica uma forte idealização. Embora o pintor afirme que Dorian posou para ele em diversos trajes e formas, quando ele diz que “ele representa muito mais do que isso para mim”, deixa evidente que a importância de Dorian vai além de suas representações físicas, como uma musa que se tornou uma essência para a obra de Basil. Podemos ver que o mesmo descreve Dorian não apenas como uma inspiração, mas como a o cerne da sua arte a partir daquele momento, quando ele afirma que “Ele é toda a minha arte agora”, elevando o jovem a um status quase divino.

Esta comparação divina se torna mais clara no momento que Basil chega a compará-lo a Antínoo, um escravo que se tornou interesse amoroso do imperador Adriano, e que após sua morte prematura por afogamento, foi tido como uma figura divina e adorado ao longo do território romano. Sua imagem, assim, foi perpetuada em esculturas como ícone da perfeição estética, captando a intenção de Adriano de que artistas representassem seu amado em sua perfeição estética completa, com cabelos cacheados, olhos amendoados e rosto de menino (Nascimento; Ferreira,

2010). Assim como Antínoo foi imortalizado em arte, Dorian, através do retrato, é preservado em um estado de beleza e juventude.

Figura 2 - Busto de Antínoo



Fonte: Correio da Manhã (2010)

Basil também compara Dorian a Páris e Adônis, outros dois personagens gregos conhecidos por sua beleza, e estas comparações mitológicas encapsulam Dorian Gray em um ideal de beleza que transcende o tempo. A comparação com os personagens, apesar de servir para colocar Dorian em um patamar de beleza extraordinária, também prenuncia as tragédias que virão a acontecer com o personagem.

Páris, retratado como um homem belo e sedutor, faz escolhas no intuito de satisfazer seu desejo pessoal, ao raptar Helena, a mulher mais bonita do mundo, e causar a guerra de Tróia, provocando inúmeras mortes, incluindo a dele mesmo. Já Adônis é representado como um jovem tão bonito que até Afrodite se apaixona por ele, mas vem a falecer muito novo, retratando a efemeridade da juventude.

A adoração de Basil está principalmente ligada à sua admiração pela personalidade de Dorian, como ele evidencia em seu discurso:

Bem, do momento em que o conheci, sua personalidade teve a mais extraordinária influência sobre mim. **Admito que experimentei uma louca, extravagante e absurda adoração por você.** Sentia ciúmes de qualquer um com quem falasse. **Eu o queria apenas para mim.** Sentia-me feliz apenas com você. Quando estávamos afastados, você ainda fazia-se presente em minha arte (Wilde, 2021, p. 116, grifo nosso).

Neste trecho, Hallward confessa para Dorian a influência intensa que ele teve sobre o pintor desde o momento em que eles se conheceram. Esta admissão revela o impacto que uma pessoa pode ter sobre outra, especialmente aqui no contexto entre artista e musa. O uso da palavra “extraordinária” sugere que a influência exercida por Dorian é algo fora do comum, indicando uma transcendência das influências que um artista comum pode experimentar.

Em seu discurso, podemos notar traços de idolatria. No trecho acima, o personagem faz uso dos termos “louca”, “extravagante” e “absurda” para se referir a

adoração sentida por ele em relação a Dorian Gray, sugerindo uma intensidade que beira o irracional. Além de idolatria, temos a confissão de um sentimento de ciúmes, uma resposta emocional à ameaça de perder algo considerado importante (Azevedo, 2023).

Freud (1922) afirma que o sentimento de ciúmes é uma manifestação afetiva inerente ao ser humano, o que o diferencia é a intensidade, variando de ausente a excessivo. No trecho, podemos inferir um ciúmes excessivo, indicando possessividade, quando Basil afirma que gostaria que Gray fosse só dele.

A possessividade é um estado psicológico caracterizado por atitudes, comportamentos e sentimentos que visam manter alguém (Azevedo, 2023). Este sentimento de ciúme pode ser reflexo de uma insegurança velada, que ele dá indícios no início do livro, afirmando que “É claro que não me pareço com ele, sei disso perfeitamente. Na verdade, seria uma lástima se assim fosse” (Wilde, 2021, p. 29). Como dito anteriormente, o ciúme é diferenciado pela intensidade do que é sentido, e o mesmo pode ser uma emoção negativa quando traz consigo a baixa autoestima (Lima *et al.*, 2023), apresentada por Hallward quando ele afirma que seria uma lástima se Dorian se parecesse com ele.

Durante o livro, pode-se entender que Basil possui uma atração romântica por Dorian, o que poderia justificar o seu ciúme. A presença de Dorian aumenta sua felicidade. O personagem indica que Dorian se tornou a principal fonte de alegria e bem-estar de Basil, como ele comenta em outro trecho do livro, em um diálogo com Henry Wotton:

“Conte-me mais sobre o senhor Dorian Gray. Com que frequência se encontram?”

“Todos os dias. **Do contrário, não me sentiria feliz.** Claro, às vezes é apenas por poucos minutos. Porém, poucos minutos com alguém que veneramos é deveras significativo” (Wilde, 2021, p. 35, grifo nosso).

Conforme a citação acima, podemos inferir que Basil Hallward estava apaixonado por Dorian Gray, quando o mesmo afirma que não se sentiria feliz caso não o visse todos os dias. O comportamento de Basil Hallward ao longo do livro pode ser diretamente relacionado ao contexto vitoriano onde o livro foi escrito. Como apontado por Burgess (1999), a sociedade vitoriana era marcada por valores rígidos e um forte senso de moralidade. Basil incorpora muito dessas características, sendo retratado como um sujeito consciente de suas responsabilidades como artista e como indivíduo, o que é evidente na forma que ele aborda seu trabalho e suas relações pessoais:

[...] Como sabe, nós, pobres artistas, precisamos frequentar a sociedade de tempos em tempos para lembrar ao público que não somos selvagens. **De fraque e gravata branca, como você me disse certa vez, qualquer um, até mesmo um corretor da bolsa de valores, adquire a reputação de civilizado** (Wilde, 2021, p. 31-32).

A referência aos trajes usados revela a superficialidade e a hipocrisia social, onde o exterior mascara a verdadeira natureza de uma pessoa. Este trecho também pode ser interpretado como um indicativo de sua sexualidade, que ele mantém em segredo, utilizando como alusão uma muda de roupas, que ao ser colocada, passa a imagem de uma pessoa civilizada, como se, ao adotar uma postura aceitável a sociedade, o indivíduo poderia viver sua verdadeira face em segredo, como aponta Silva (2014). O personagem exibe um comportamento cauteloso e reservado em

relação aos seus sentimentos por Dorian, sugerindo uma luta interna com seu afeto pessoal e as expectativas sociais.

Enquanto o pintor contemplava a imagem elegante e graciosa que havia reproduzido com sua arte, um sorriso de prazer pairou no rosto e ali permaneceu. Repentinamente, porém, o artista foi tomado de sobressalto, fechou os olhos e posicionou os dedos nas pálpebras, **como se desejasse conter no cérebro o sonho curioso do qual temia despertar** (Wilde, 2021, p. 28).

Aqui, o ato de fechar os olhos é uma metáfora de que o personagem tenta ignorar seus sentimentos internos. Sua relutância em expor seus verdadeiros sentimentos pode ser vista como uma manifestação da repressão emocional. Durante a narrativa, não vemos o envolvimento de Basil Hallward em nenhum conflito, o personagem mantém uma fachada respeitável, se mantendo longe de ações que possam manchar sua reputação, o que aconteceria caso viesse a público sua atração por Dorian Gray, o que também revela as complexidades e contradições de sua personalidade. Seus sentimentos de ciúme e possessividade apresentados indicam sentimentos de amor, que ele reprime.

Em suma, a devoção de Basil Hallward à beleza de Dorian Gray manifesta uma veneração pela estética e pelo ideal de perfeição que se enxergava na arte, tornando sua relação com ele uma mistura de sua paixão artística e seus sentimentos românticos.

3.2 O hedonismo de Henry Wotton

Em contraste com a perspectiva de devoção do personagem Basil Hallward, temos o personagem Lord Henry Wotton, que é apresentado logo no primeiro capítulo como amigo próximo de Basil, e que demonstra interesse em saber mais acerca de Dorian Gray, enquanto o artista pinta o seu retrato. Logo nas suas primeiras interações com Hallward, Henry, muitas vezes tratado pelo apelido Harry, se mostra como uma figura sarcástica e marcada pelo cinismo (Oliveira; Oliveira; Alós, 2020). O próprio Basil, em um momento, comenta que o personagem apresenta, de fato, palavras cínicas⁷. Em um diálogo com Hallward, o personagem apresenta admiração com a aparência de Dorian, enquanto critica a aparência do pintor.

Francamente, Basil, não sabia que era tão vaidoso; e não vejo semelhança alguma entre você, sua face robusta e **seus cabelos negros como carvão**, e este jovem Adônis, **que parece feito de marfim** e pétalas de rosas. **Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e você... bem, é claro que você possui expressão intelectual e tudo mais, porém, a beleza, beleza real, termina onde a expressão intelectual começa.** O intelecto é, em si, uma forma de exagero, e destrói a harmonia de qualquer rosto (Wilde, 2021, p. 28, grifo nosso).

Henry parece sugerir que a beleza física é uma expressão divina que é intocada pela complexidade e imperfeições que vêm com o intelecto. Novamente, o personagem apresenta desprezo pelo intelecto no trecho “Escolho meus amigos pela bela aparência, meus conhecidos pelo bom caráter e meus inimigos pelo intelecto” (Wilde, 2021, p. 34). Quando o personagem afirma que a intelectualidade

⁷ “Seu cinismo não passa de pose” (Wilde, 2021, p. 30).

“destrói a harmonia de qualquer rosto”, há a sugestão de que ser intelectual compromete a pureza da beleza física, demonstrando uma predileção pela beleza. Esta perspectiva é contrária ao que é apresentado por Platão, que considerava a beleza como algo distinto da forma física, tendo relação com a inteligência (Platão, 1965). O personagem compara os cabelos de Basil com carvão, uma rocha sedimentar bruta e pouco admirada, de baixo valor, ao passo que compara Dorian Gray com o marfim, um material considerado belo e almejado, e caro.

O personagem apresenta uma visão cínica e hedonista da beleza. O hedonismo pode ser definido como uma doutrina caracterizada pela busca excessiva do prazer como propósito mais significativa da vida (Hedonismo, 2020). Henry, ao longo do livro, mostra que sua visão de beleza é uma forma de poder e prazer, algo a ser aproveitado sem se importar com consequências morais. O aristocrata vê Dorian como uma tela em branco a ser modificada a partir de sua vontade, como apontado por Anganuzzi (2023). Convencer o personagem de que o intelecto é algo de pouco valor, torna mais fácil para que ele consiga manipulá-lo, já que o ato de pensar poderia ser um fator que tornaria difícil que Henry detivesse o controle sobre Dorian Gray.

As pessoas, às vezes, dizem que a Beleza é meramente superficial. Talvez seja. Mas ao menos não é tão superficial quanto o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Somente as pessoas superficiais não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível. (...) **Não desperdice o ouro de seus dias na companhia de pessoas tediosas, tentando reabilitar os fracassados incorrigíveis, ou entregando sua vida aos ignorantes, os comuns e os vulgares, que são as aspirações, os ideais falsos da nossa era.** Viva! Vida a vida maravilhosa que há em você. Não deixe que nada se perca. **Busque sempre novas sensações.** Nada tema. Um novo Hedonismo! É o que nosso século deseja. Você pode ser seu símbolo encarnado. Com sua personalidade, não há nada que não possa fazer. O mundo lhe pertence por uma temporada. (Wilde, 2021, p. 48, grifo nosso).

Este trecho encapsula a perspectiva hedonista de Henry, quando ele afirma que a beleza para ele é “a maravilha das maravilhas”, sugerindo que os superficiais são aqueles que desconsideram a importância da aparência exterior, superficializando o ato de pensar, e mostrando mais uma vez a predileção pela beleza. O personagem advoga por um novo hedonismo, cuja busca por prazer e o aproveitamento incessante de novas sensações deve ser o objetivo central da vida. Henry encoraja Dorian a viver intensamente aproveitando a sua juventude e beleza. A ênfase aqui se encontra no uso da palavra “ouro”. O ouro, em seu sentido literal, é um mineral dourado e brilhante de alto valor e riqueza (Ouro, 2020). A comparação da beleza de Dorian como “o ouro de seus dias” mostra que o personagem enxerga a aparência e idade de Dorian como algo precioso, de alto valor. Novamente temos uma comparação de Dorian a um material precioso.

A advertência urgente de Henry acerca da juventude de Dorian, para ele aproveitá-la enquanto ainda a tem, pode ser considerada um convite para a indulgência hedonista, sugerindo que o personagem aproveite dos prazeres sem se preocupar com as limitações morais impostas pela sociedade vitoriana. O mesmo critica as percepções moralistas desta sociedade, afirmando que as mesmas são “os ideais falsos da nossa era” (Wilde, 2021, p. 48). De acordo com Henry Wotton, Dorian deve ter a necessidade de reconhecer e valorizar o seu presente, abordando temas como a transitoriedade da beleza e a busca por prazer acima de tudo. O trecho “busque sempre novas sensações” reforça a ideia hedonista do personagem,

uma vez que maximiza a busca pelo prazer e satisfação, temas centrais da filosofia hedonista.

Podemos considerar Lord Henry Wotton como um mentor para Dorian. Fascinado pela aparência do personagem e curioso com a inspiração e influência notável que o mesmo possui sobre Basil Hallward, ele decide ser para Gray “a mesma fonte de inspiração que o jovem é para o artista” (Anganuzzi, 2023, p. 08). Com seu estilo de vida considerado hedonista, Henry propõe a Dorian um modo de viver a vida ignorando os conceitos morais das outras pessoas, valorizando apenas a arte, a beleza e a sua juventude.

Sim, sr. Gray, os deuses foram bondosos consigo. Porém, os deuses logo tomam aquilo que proveem. Você tem apenas alguns anos para realmente viver. Quando sua juventude for embora, levará a beleza consigo e você então descobrirá que não lhe resta nenhum triunfo (...) Você sofrerá horrivelmente. **Conscientize-se de sua juventude enquanto a possui** (Wilde, 2021, p. 48, grifo nosso)

Lord Henry acredita que a melhor forma de viver é pelo prazer, e a beleza e juventude de Dorian é a chave para aproveitar a vida da melhor forma possível. Esta apreciação pode ser entendida devido ao período vitoriano onde a narrativa se passa, onde o Esteticismo⁸ alcançou o seu ápice. Este acontecimento é facilmente entendível ao considerarmos o caráter rigorosamente moralistas da era vitoriana

Em um período em que as relações sociais eram extremamente regulamentadas e utilizadas para manutenção das boas aparências, é compreensível que um movimento que exaltasse a frivolidade e o prazer surgisse como uma forma de protesto (Anganuzzi, 2023, p. 09).

Ele também enxerga as pessoas ao seu redor como “coisas para brincar”, e é dessa forma que ele enxerga Dorian Gray, como um pupilo no qual ele pode depositar seus ideais. O personagem vê o prazer não só como um objetivo a ser alcançado, mas como a única coisa que dá sentido à existência.

Durante a narrativa, não é exposto a idade dos personagens, mas podemos inferir pelo contexto que Henry Wotton é um personagem mais velho que Dorian Gray. Sua juventude já se esvaiu, ao contrário do personagem principal, que ele elogia e enaltece. O personagem, embora defenda a busca pelo prazer acima de todas as coisas, mantém uma postura convencional às normas da época, o tornando um personagem hipócrita, já que não realiza aquilo que tanto propõe para Dorian, como Basil aponta, quando afirma que o Henry “nunca faz nada de errado” (Wilde, 2021, p. 30). Retornando a ideia de que ele enxerga o personagem principal como uma tela em branco, apresentada por Anganuzzi (2023), suas influências podem ser interpretadas como uma manifestação do desejo de viver a sua própria vida sem restrições, mas por já ser uma pessoa mais velha, que não possui a juventude que ele pontua em Dorian Gray, projeta seus desejos no personagem e o assiste enquanto ele adota gradualmente uma vida hedonista, como uma atitude narcisista de um pai que projeta suas ambições nos filhos e os ama em troca desta retribuição (Green, 1998).

Ao contrário do que acontece na sociedade inglesa vitoriana, para Henry, as normas e convenções sociais são nada mais que restrições que limitam a capacidade do indivíduo de experimentar a vida em sua plenitude, e suas ações e

⁸ movimento que defendia o prazer estético como elemento central na arte e considerava os valores do passado como inerentemente superiores (Anganuzzi, 2023).

palavras, embora sejam apenas palavras e não ações concretas, desafiam abertamente as normas vitorianas de moralidade, respeito e sacrifício pessoal, ao contrário de Basil Hallward, que as segue e acredita nelas.

3.3 As influências vivenciadas por Dorian Gray e seu destino final

No início do romance, temos a apresentação de Dorian Gray como um sujeito bonito, inocente e ingênuo. Sua primeira interação com Basil Hallward mostra o personagem como uma figura quase idealizada, uma representação da perfeição estética e da inocência. A amizade de Basil e Dorian é baseada em uma admiração genuína e na intenção de preservar a pureza do personagem.

A primeira interação de Dorian Gray com Henry Wotton pode ser considerada um marco para o início de sua transformação. Henry, com sua filosofia hedonista e sua personalidade cínica, influencia Dorian sobre a busca pelo prazer acima de tudo e a importância da estética e da juventude.

[...] Agora sei que, quando se perde a beleza, seja ela qual for, perde-se tudo. Seu quadro me ensinou isso. [...] Juventude é a única coisa que vale a pena. **Quando notar que estou envelhecendo, tirarei minha própria vida.** [...] **Sinto inveja de tudo que possui beleza eterna. Sinto inveja do retrato que pintou de mim. Por que deveria preservar aquilo que vou perder? Cada momento que passa me rouba algo e entrega à imagem.** Ah, se fosse o inverso! Se o quadro envelhecesse e eu permanecesse para sempre como sou hoje! Por que pintou este retrato? Um dia, zombará de mim, zombará terrivelmente! (Wilde, 2021, p. 52, grifo nosso).

Dorian Gray expressa uma compreensão fatalista e superficial da vida, na qual a beleza é vista como valor supremo. Isso demonstra a influência das ideias de Henry Wotton, que valoriza a estética acima de qualquer virtude moral. O personagem adota a visão de Wotton, que promove a busca pelo prazer e a valorização da juventude, mostrando como o mesmo é influenciável e como seus ideais e valores são moldados a partir das vontades de Henry. Este personagem, por sua vez, parece estar satisfeito com a influência que possui sobre Dorian Gray. Suas ações e palavras aparentam ser intencionais.

Quando o personagem, em seu surto, demonstra indignação com o pintor por ter feito o retrato, Basil, magoado, se prontifica para destruí-lo, mas o jovem imediatamente o impede, pois segundo ele “Seria assassinato!” (Wilde, 2021, p. 53) e afirma que o retrato “faz parte de mim, posso sentir” (Wilde, 2021, p. 53).

Em algumas situações, pode-se notar que o personagem facilmente manipula Dorian, falando o que ele deseja ouvir, representando que alguém provido de beleza se torna manipulável por não desenvolver o intelecto. Outro trecho importante é quando Dorian afirma que, quando notar que está envelhecendo, irá tirar sua própria vida. O suicídio em uma sociedade moralista como a da época era visto como algo horrível, mas o personagem, envolto em sua insatisfação, prefere isto a viver como uma pessoa desprovida de beleza.

Após Dorian externar seus sentimentos acerca da finitude de sua aparência, Basil mostra seus primeiros sinais de insatisfação no que diz respeito à amizade recém criada de Gray e Henry Wotton e suas palavras acerca da finitude de sua beleza:

Hallward encarou-o, perplexo. Não era do feitio de Dorian expressar-se daquela maneira. O que teria acontecido? [...]
- Lorde Henry está completamente certo. [...]

Lágrimas quentes assomaram-lhe os olhos; largou da mão de Basil e atirou-se ao sofá, com o rosto afundado nas almofadas, como se rezasse.

“Isso é culpa sua, Harry” - disse Hallward, amargo

“Minha?”

“Sim, sua, você sabe” (Wilde, 2021, p. 52).

Apesar disso, o personagem não consegue manter Dorian longe de Henry. Para manter sua influência ativa sobre o personagem, Lord Henry frequentemente o convida para festas e o presenteia, utilizando os presentes como ferramenta para mantê-lo por perto. Um desses presentes é um livro de capa amarela.

Na era vitoriana, um “livro de capa amarela” era um termo utilizado para se referir a um tipo específico de publicação, que continham conotações distintas. Geralmente tratavam de temas considerados escandalosos ou imorais na época, e os conservadores culpavam este tipo de publicação como “responsável pela violência entre os jovens e o suicídio” (Summerscale, 2016, tradução nossa)⁹.

Chamados de *penny dreadfuls*, eram baratos, custando normalmente um penny (moeda de um centavo utilizada no Reino Unido), daí o seu nome, e por serem baratos, suas folhas e capas eram em papel amarelo, o que explicaria o termo “capa amarela”. Este acontecimento pode ser considerado um marco, no qual a influência de Henry Wotton aumenta cada vez mais. Após ler o livro, o personagem não consegue mais esquecê-lo, o mesmo afirma até ter sido “envenenado pelo livro (Wilde, 2021) e podemos ver Dorian gradualmente se permitindo mergulhar profundamente em uma vida de pecados e imoralidades, como o uso de drogas, frequentando bairros sórdidos de Londres, e também chantagem e manipulação.

A influência de Henry Wotton e Basil Hallward sobre o personagem Dorian Gray durante o romance pode ser definida como a representação de uma batalha entre o bem e o mal, como a representação de Deus e o diabo no Cristianismo. no qual Basil Hallward representa a virtude e a moralidade e Henry Wotton o mal e a imoralidade. Ambos possuem motivações pessoais acerca dos princípios que tentam instigar em Dorian, motivações essas derivadas da sociedade vitoriana, ou em contrapartida a ela, como é o caso de Henry Wotton, que considera estes valores morais tediosos. Dorian Gray, à medida que suas ações são narradas no livro, mostra-se como uma criação de Henry Wotton e, influenciado pela sua visão hedonista, o personagem faz uso de drogas, bebidas, e vive uma vida considerada imoral para os padrões vitorianos.

Como consequência de anos vivendo em prol da imoralidade, Dorian acumula corrupções, crimes, mentiras, e ações negativas, começando pela sua influência na morte de Sybil Vane, uma atriz que se torna o interesse amoroso de Dorian, e que comete suicídio após ser rejeitada por ele.

Após convidar Henry e Basil para assisti-la em uma peça de teatro, e Sybil atuar de forma “mediocre e vulgar” (Wilde, 2021, p. 86), Dorian discute com a mesma e afirma que ela “estimulava minha imaginação. Agora, não estimula nem minha curiosidade” (Wilde, 2021, p. 89). Após receber a notícia do suicídio de Vane, Dorian Gray e Henry Wotton têm uma conversa, na qual o aristocrata afirma que a culpa de Sybil ter falecido seria da própria:

“Fui terrivelmente cruel com ela. Esquece-se disto.”

“Creio que as mulheres apreciem a crueldade mais do que qualquer outra coisa. Têm instintos maravilhosamente primitivos. Nós as emancipamos, mas, mesmo assim, permanecem escravas à procura de seus amos.

⁹ No original: [...] *penny dreadfuls were blamed for youth violence and suicide.*

Adoram ser dominadas. **Tenho certeza que você foi magnífico.** Nunca o vi furioso, mas imagino que tenha sido encantador. [...] **O momento em que realmente tocou a vida real, ela a estragou e ao ser estragada pela vida, faleceu.** Chore por Ofélia se assim deseja, ponha cinzas em sua cabeça porque Cordélia foi estrangulada, grite contra os céus porque a filha de Brabantio morreu, mas **não desperdice seu pranto por Sybil Vane**” (Wilde, 2021, p. 104, grifo nosso).

Dorian admite que foi cruel com Vane, reconhecendo seu comportamento e dando indícios de culpa e arrependimento. No entanto, Henry logo distorce qualquer possibilidade de reflexão mais profunda acerca do acontecido, respondendo com uma atitude condescendente e cínica, sugerindo que as mulheres “apreciam a crueldade mais do que qualquer outra coisa” e têm “instintos maravilhosamente primitivos”, fazendo uma observação sobre a emancipação feminina. Esta observação reflete um ideal patriarcal da sociedade vitoriana. Para ele, a emancipação das mulheres é vista como algo superficial e inadequado, já que mulheres são inerentemente submissas. Lord Henry também menciona personagens trágicas de Shakespeare, como Ofélia, de “Hamlet”, e Desdêmona, a filha de Brabantio em “Otelo”, de maneira a minimizar a vida de Sybil Vane, sugerindo que a dor por ela é um desperdício em comparação a estas personagens.

Dorian ouve isto de Henry e aceita sem contestações, acreditando que, de fato, suas palavras não tiveram efeito na decisão de Sybil de tirar sua própria vida. Henry exerce neste trecho uma influência corruptora sobre ele, minimizando a gravidade das ações de Gray e ridicularizando a profundidade emocional e a tragédia que ocorreu.

Baseado nas influências ao seu redor e os comentários acerca de sua aparência, Dorian se tornou um Narciso¹⁰, apaixonado pela sua própria aparência, e ao ser atingido pela realidade de que aquilo que lhe era aparentemente tão precioso seria tirado dele, cria em sua cabeça um desejo de que o retrato sofresse as consequências do tempo ao invés dele. A partir do momento em que Dorian expressa sua vontade de que o retrato envelheça em seu lugar, algo sobrenatural acontece e temos a ocorrência de um pacto, em que o seu desejo se realiza. Este pacto pode ser entendido como uma alusão ao mito de Dr. Fausto¹¹, no qual Henry faria o papel do diabo (Mucci, 2009). O pacto passa despercebido, até a tragédia de Sybil Vane, onde a primeira expressão de crueldade aparece no quadro, mudando sua fisiologia, enquanto Dorian permanece inalterado.

Na tímida luz que lutava para atravessar as cortinas de seda cor creme, o rosto parecia ter mudado levemente. **Sua expressão estava alterada. Poder-se-ia dizer que exibia um sutil toque de crueldade nos lábios.** Era, de fato, estranho. [...] Estremeceu, pegou da mesa um espelho oval emoldurado por cupidos de marfim, presente de Lorde Henry, e então observou a imagem ansiosamente. **Não havia linhas similares em seus lábios. [...] O retrato recebera a notícia da morte de Sybil Vane antes mesmo que Dorian soubesse.** Estava consciente dos acontecimentos da vida no momento em que ocorriam (Wilde, 2021, p. 91-106, grifo nosso)

À medida em que Dorian continua a viver em prol do prazer e da satisfação pessoal, o retrato se torna cada vez mais deformado e grotesco. Com medo de que

¹⁰ Personagem mitológico grego que se apaixona por si mesmo ao ver o próprio reflexo em um lago e define até a morte enquanto se admira (Oliveira, 2019).

¹¹ Personagem mitológico alemão que realiza um pacto com o demônio em troca de realizar seus desejos (Scandolara, 2020).

alguém descubra, Dorian esconde o quadro em um quarto trancado, coberto por um biombo. O personagem raramente vê o retrato, mas tem total consciência de sua deterioração.

Após muitos anos, finalmente, o artista Basil tem contato com sua obra e descobre a transformação, retratando todas as marcas que Dorian acumulou ao longo dos anos. Enfurecido com Basil por levá-lo a ter de enfrentar a visão de sua própria decadência e pelas palavras do pintor, Dorian o mata em um ato de desespero e auto-preservação:

“Meu Deus! Não percebe os olhos daquela coisa maldita sobre nós?”

Dorian Gray olhou de relance para o quadro e, de repente, foi tomado por um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward. As emoções descontroladas de um animal caçado ferviam dentro dele, e Dorian abominou o homem sentado à mesa mais do que abominara qualquer outra coisa na vida. Olhou frenético ao redor do aposento. Algo brilhava no topo do baú. Seus olhos recaíram no objeto. Sabia o que era; uma faca que trouxera para cima, dias antes, para cortar uma corda, e esquecera de tirar de lá. Passou por Hallward, avançando lentamente até a lâmina. Assim que posicionou atrás dele, alcançou-a e voltou-se. Hallward se mexeu na cadeira, como se fosse se levantar. Dorian correu até o pintor e cravou a faca na enorme veia atrás da orelha, esmagou a cabeça do homem contra a mesa e esfaqueou-o repetidas vezes (Wilde, 2021, p. 164).

Basil representa a consciência e a moralidade no romance, sempre tentando resgatar Dorian e trazê-lo de volta para o caminho do bem. Sua morte às mãos de Dorian simboliza a vitória completa do hedonismo e da corrupção sobre a virtude e a arte. A violência contra Basil, que foi o criador do retrato e o primeiro a ver a alma corrompida de Dorian, é também um ato de negação e destruição do próprio reflexo de Dorian, do espelho que lhe mostra a verdade.

O retrato, mencionado como "aquela coisa maldita", reflete a verdadeira natureza de Dorian, absorvendo toda a sua corrupção e pecado enquanto ele mantém uma aparência intocada. O ódio de Dorian pelo retrato se transfere para Basil, o criador da imagem, numa tentativa desesperada de destruir a prova de sua própria monstruosidade.

O momento em que Basil confronta Dorian com a verdade do retrato é o ponto de ruptura. Dorian, incapaz de lidar com a revelação de sua própria depravação e a prova tangível de sua alma corrompida, responde com violência. O ódio que sente por Basil não é apenas por ele como pessoa, mas pelo que ele representa – a verdade incontestável de sua própria degradação.

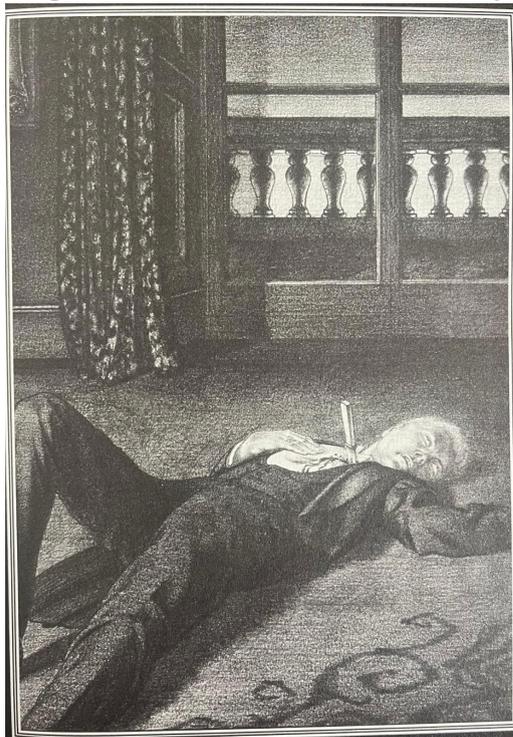
Com medo de ser descoberto, o personagem pede para que um amigo antigo, Alan Campbell, que tem afinidade com a química, destrua o corpo de Basil e não deixe vestígios, chegando a chantagear o personagem com uma carta quando o mesmo, veementemente, se recusa a ajudá-lo.

Após o assassinato de Basil, Dorian se encontra em um estado de culpa e, de maneira desesperada, tenta encontrar algum tipo de redenção ou alívio, mas é atormentado pelo retrato, que se torna um símbolo de sua alma corrompida e de sua incapacidade de escapar das consequências de suas ações.

Em um ato final de desespero, Dorian decide destruir o retrato, na esperança de se libertar de sua influência, apunhalando-o. Ao realizá-lo, o pacto que ligava sua alma ao retrato é quebrada. O personagem, então, é encontrado morto, com um punhal em seu coração, e sua aparência é envelhecida e deteriorada, enquanto o retrato retorna à sua forma original de um jovem belo. Este incidente pode ser interpretado com um suicídio.

Ao entrarem, viram pendurado na parede um esplêndido retrato de seu amo, tal como o haviam visto pela última vez, em todo o esplendor de sua primorosa juventude e beleza. Sobre o assoalho, jazia um cadáver, trajando um fraque, com uma faca cravada no seu coração. Era um velho ressequido e enrugado, com uma feição repugnante (Wilde, 2021, p. 192)

Figura 3 - A morte de Dorian Gray



Fonte: Wilde (2021)

Na imagem acima, podemos ver o personagem envelhecido com a faca cravada e a mão acima do peito, como se o mesmo tivesse a colocado ali. Voltando ao início da história, quando Dorian afirma que Basil destruir o retrato poderia ser considerado um assassinato, e que o personagem, apesar de não ter consciência do pacto que realizou, sente que o retrato está ligado a ele de alguma forma. Mais tarde, tendo consciência de que o retrato é um reflexo de sua alma, o personagem entende que destruindo o retrato, estaria matando a si mesmo, como apontou para Basil.

Ao longo de sua vida, influenciado por Henry Wotton, Dorian adotou para si a perspectiva de que a beleza, a juventude e a busca pelo prazer, aproveitando de seus privilégios estéticos, eram os valores mais importantes de sua existência. O momento de seu suicídio é a culminância do confronto interno do personagem entre sua aparência e a realidade, baseada em sua aparência e superficialidade, uma irônica tragédia que expõe a falácia de idolatrar a beleza e o prazer acima de qualquer valor, mostrando que a busca incessante pelo estético o levou à ruína.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A beleza tem sido pano de fundo para várias questões da sociedade, e a representação do belo é um alvo abordado por diversas manifestações artísticas,

incluindo a literatura. Em *O Retrato de Dorian Gray*, pode-se perceber que a beleza é um elemento central para a construção da narrativa. A partir dela podemos analisar as motivações pessoais de cada personagem. Ao estudar as diferentes perspectivas acerca da beleza no romance, podemos destacar que as mesmas têm um efeito sobre a vida e as escolhas do protagonista.

Enquanto Basil representa a busca pela beleza pura e idealizada, Henry encarna a perspectiva hedonista que enxerga a beleza como instrumento de prazer e poder. Dorian, por sua vez, é o receptáculo dessas influências, passando por uma evolução marcada pela sua busca incessante pela estética e suas consequências devastadoras. A evolução do protagonista Dorian Gray revela as implicações profundas de sua busca pela beleza e perfeição estética. Ao se entregar aos prazeres mundanos e à obsessão pela juventude e beleza física, Dorian mergulha em um caminho de autodestruição moral.

Durante a narrativa, podemos perceber que a influência de Henry Wotton é a predominante nas escolhas do personagem, que gradualmente adota um estilo de vida hedonista, valorizando sua aparência exterior acima de tudo, ao ponto de, inconscientemente, sacrificar sua alma em prol de manter sua juventude, o levando à ruína. Sua morte revela o fim de sua busca distorcida pela beleza. A tentativa de separar o externo da moralidade resulta na autodestruição, revelando a fragilidade e a futilidade de uma vida vivida em prol de valorizar e manter uma aparência impecável.

Sua trajetória nos leva a refletir sobre a natureza da beleza, a sua relação com a moralidade e os dilemas éticos que surgem quando a estética se sobrepõe aos valores humanos. Portanto, este estudo não apenas proporcionou uma compreensão mais profunda da obra de Wilde, mas também suscitou reflexões relevantes sobre os conceitos de beleza, moralidade e ética que ecoam além das páginas de "O Retrato de Dorian Gray". Ao explorar as perspectivas dos personagens e as consequências das escolhas de Dorian, este trabalho contribui para ampliar o entendimento sobre a complexidade das questões estéticas e morais na literatura.

REFERÊNCIAS

ADUT, Ari. **A Theory of Scandal: Victorians, Homosexuality, and the Fall of Oscar Wilde**. *American Journal of Sociology*, Chicago, vol. 111, n. 1, p. 213-248, Julho de 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/428816>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

ANGANUZZI, Maria Eduarda Encinas. **Análise do Personagem Henry Wotton em O Retrato de Dorian Gray**. XIX Jornada de Iniciação Científica da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2023.

ARAÚJO, Sandra Fátima da Silva; ARAÚJO, Sarah da Silva; ARAÚJO, Sabrina da Silva. **A ética, a beleza e a arte no Retrato de Dorian Gray**. VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Rio Grande: 2018.

AZEVEDO, Tiago. **O que é ser possessivo e ciumento? (E ciúme possessivo)**. *Universo da Psicologia*, 14 de novembro de 2023. Disponível em

<<https://universodapsicologia.com/o-que-e-ser-possessivo-e-ciumento-e-ciume-possessivo/>>. Acesso em 07 jun. 2024.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CHAUHAN, Neha. **A Ciência por Trás da Beleza de Nefertiti: a análise de um cirurgião plástico**. *Indian J Plast Surg*, v. 55, n. 4, dez de 2022. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9859679/#abstract-1title>>. Acesso em 12 nov. 2023.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FREUD, Sigmund. **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1922.

GREEN, André. **Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo: Escuta, 1998

HEDONISMO. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hedonismo/>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

HERMES, Ernani Silvério. DECARLI, Márcia Negrello. A era vitoriana segundo “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde. **ÁGORA Revista Eletrônica**. Ano XI, n. 22, p. 60-73, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323857972_A_ERA_VITORIANA_SEGUNDO_O_RETRATO_DE_DORIAN_GRAY_DE_OSCAR_WILDE>. Acesso em 24 jan. de 2024.

LIMA, Maria Fernanda Rocha Oliveira de *et al.* O ciúme patológico para psicanálise. **Revista Sociedade em Debate**, v. 5, n. 01, 2023. Disponível em: <<https://www.sociedadeemdebate.com.br/index.php/sd/article/view/84>>. Acesso em 07 jun. 2024.

MERLEAU-PONTY. **O visível e o invisível**. Tradução José Arthur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira. São Paulo, Editora Perspectiva, 1999.

MUCCI, Isaias Latuf. Metáfora e morte em *The picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde. **Gragoatá**, v. 14, n. 26, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33130>>. Acesso em 10 jun. 2024.

NASCIMENTO, Ducicleide; MEDEIROS, Adriana. Antínoo: Quando o amor transborda sob a forma de arte... **Revista Principia**, n. 21, p. 17-26, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/6695>>. Acesso em 07 jun. 2024.

OLIVEIRA, Silvio. O Olhar do Outro na Constituição do Eu: Uma Leitura Psicanalítica do Mito de Narciso. **Letras e Ideias**, v. 3, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/49415>>. Acesso em 12 jun. 2024.

OURO. In: **DICIO**. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ouro/>>. Acesso em 28 mai. 2024.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SCANDOLARA, Adriano. Marlowe, Goethe, Švankmajer: Três faces do mito de Fausto e sua relação com a modernidade. **Travessias Interativas**, v. 10, n. 20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/13947/10666>>. Acesso em 11 jun. 2024.

SILVA, Francinaldo Freire da. Uma leitura do personagem Basil Hallward de Oscar Wilde implementada pela Queer Theory. **Anais... I CINTEDI**, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/9294>>. Acesso em 07 jun. 2024

SOUZA, José Carlos; LOPES, Luiz Henrique Bernardinelli; SOUZA, Vítor Cruz Rosa Pires de. A Dimensão do Belo no Tempo. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 87-94, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/6098/609863967008/609863967008.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2023.

SUMMERSCALE, Kate. **Penny Dreadfuls**: the Victorian equivalent of video games. The Guardian, Londres, 30 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/apr/30/penny-dreadfuls-victorian-equivalente-video-games-kate-summerscale-wicked-boy>>. Acesso em 29 mai. 2024.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Rio de Janeiro: Editora Darkside Books, 2021.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

ZORNIG, Sílvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010>. Acesso em 11 jun. 2024.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, vocês são a minha base. Agradeço profundamente pelo amor, apoio e compreensão inabaláveis. Em especial, agradeço aos meus pais, Alberto e Andréa, que ofereceram suporte para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos. Gostaria de agradecer também ao meu irmão, Emanuel, que apesar de todas as nossas implicâncias, sempre irei amar você.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu noivo, Rodolfo. Sua paciência, compreensão e amor incondicional foram fundamentais durante todo este processo. Você sempre acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava de minhas próprias capacidades. Obrigada por estar ao meu lado em cada passo desta

jornada, diariamente eu te amo mais e mais. Você é um companheiro incrível, honesto, divertido, e todos os dias eu aprendo um pouco mais com você.

Aos meus queridos amigos que fiz durante este percurso: Letícia, acho que você tem ciência de que, se não fosse por você e pelo seu jeito de vereadora, a gente não estaria se falando hoje, mas você não sabe o quanto eu sou grata por não ser assim. Você é como um presente, uma luz que ilumina até as manhãs mais escuras nessa universidade, e sua preocupação em saber se está tudo bem e deixar todo mundo bem me encanta todos os dias, e eu adoro estar contigo.

Thainá Tatá, já comentei com você que, inicialmente, achava que a gente não conseguiria ser amiga, mas acho que nunca expressei o quanto eu me sentia triste por não ser próxima de você, pois eu sempre te admirei e sempre te achei uma menina incrível, e fico feliz que hoje sejamos próximas, pois você é um bem precioso que, se você me permitir, irei guardar para sempre. Mesmo quando não falamos nada, sua companhia me alegra, e eu te amo demais.

Leonardo, você é uma pessoa tão doce, meiga, e merece tudo de bom nessa vida, além de sempre ser reconhecido como o cara incrível que eu enxergo. Irei sentir saudades de você, mas onde quer que estejamos, meu coração lembrará de você.

Agradeço também ao meu orientador, Thiago, por sua orientação, dedicação e apoio inestimável. Sua paciência foi um elemento crucial para o desenvolvimento deste trabalho. Sou grata pelos valiosos conselhos e pela constante disponibilidade em me auxiliar nos momentos de dúvida. Como eu disse, nem todos os batons de chocolate do mundo poderiam expressar o quanto eu sou grata por você ter aceitado me orientar.

Aos meus professores Rivaldo, Isabela, Gabriel, Jéssica, Viviane, Giovane e Valécio e, novamente, Thiago, sou eternamente grata por todo o conhecimento compartilhado e pela dedicação em ensinar e inspirar. Cada aula, cada orientação e cada desafio proposto contribuíram de forma significativa para a minha formação acadêmica e profissional. Nunca irei me esquecer de vocês, todos deixaram aqui uma inspiração de como seguir como profissional.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001 pelo apoio no curso enquanto participante do Programa de Residência Pedagógica, contribuiu para minha formação e desenvolvimento enquanto profissional docente.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento. Este trabalho é fruto de um esforço coletivo e sou imensamente grata por ter tido o privilégio de contar com o apoio de todos vocês.